



FÁTIMA MESQUITA

BEM BOLADO

A HISTÓRIA, A GEOGRAFIA, A MATEMÁTICA, AS ARTES
E AS CIÊNCIAS POR TRÁS DO FUTEBOL



Ilustrações
GILBERTO VALADARES
e JUNIÃO



© Fátima Mesquita

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patty Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Lucas Santiago Vilela
Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte
Carolina Ferreira
Hellen Cristine Dias
Mario Kanegae

Projeto gráfico, diagramação e capa
Carolina Ferreira

Revisão
Flávia Beraldo

Impressão
Loyola

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mesquita, Fátima, 1965-
Bem bolado: A história, a geografia, a matemática, as artes e as ciências
por trás do futebol / Fátima Mesquita; ilustração Gilberto Valadares e
Junião. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2014. 72 pp.

ISBN: 978-85-7888-338-6

1. Futebol – Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil
brasileira. I. Borba, Gilberto Valadares de. II. Título.

13-08031

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2014

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma
sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é
crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este livro é dedicado às duas pessoas com quem eu mais joguei bola na vida: meus irmãos queridos, até não mais poder, companheiros da vida toda, Lufá e Lucé. É dedicadíssimo também ao meu avô materno, o jornalista, *ghost writer*, radialista e cronista esportivo Fortunato Pinto Júnior, mais conhecido pela velha guarda mineira como Malagueta.





Antes de partir para a partida

A casa onde eu cresci tinha um quintal bem legal e grande, com um gramadinho cortado, mais ou menos ao meio, por uma vala de cimento feita para escorrer a água da chuva e de uma torneira danada que havia num cantinho. Esse era o nosso campo para todo tipo de partida de futebol possível... Assim mesmo: com gol improvisado, de limites meio que invisíveis, sem traves, com um lado terminando num barranco e o outro tendo fim numa cerca de madeira.

Ali, naquele campo megafuleiro, as partidas eram todas tipo final de Copa do Mundo, com a gente jogando com toda a garra, até quando já estivesse escuro ou as mães começassem a chamar o povo para casa. Jogava-se debaixo de chuva, sob qualquer temperatura, com qualquer número de jogadores e qualquer tipo de bola. Valia meninos e meninas e de todas as idades. E com todo mundo, sem exceção, adorando cada segundo de cada partida!

Esta sensação deliciosa de suor no rosto, de grama cortada, de cabelo ao vento, de união e de diversão em volume máximo só com uma bola e um pequeno espaço é uma coisa que muita gente tem em comum pelo mundo afora, porque o futebol, em geral, começa na gente assim, desse jeito livre, leve e solto.

Este livro é um pouco uma tentativa de recuperar essa coisa gostosa e descomplicada que é bater bola. Ele é um passeio pelos campinhos improvisados da história do futiba, indo até as raízes do esporte, ao mesmo tempo em que viaja pelo globo, descortinando a geografia dessa paixão nossa, só para depois ficar quietinho fazendo embaixadas ali na grande área da ciência que existe por trás de cada chute, enquanto encontra, ainda, tempo para manter uma conversa legal sobre algumas questões éticas e sociais que devem pautar a vida de qualquer boleiro que se preze.

Mas, sobretudo, este é um livro sobre a alegria de ter coisas muito legais em comum com amigos, parentes e até desconhecidos. Então, cá estou eu, convidando você a entrar para esse time. Vamos bater uma bola?

Fátima Mesquita



A pré-história do nosso esporte

É impossível saber quem foram os primeiros homens e mulheres pré-históricos que saíram por aí chutando frutas, pedras, cabaças, cabeças de bicho ou sabe-se lá o que mais. Mas os especialistas em estudar o passado descobriram que várias culturas, de diferentes cantos do planeta, chegaram a desenvolver jogos que envolviam chutes em “bolas”, e acho que a gente pode considerar estas modalidades como verdadeiros ancestrais do nosso jogo bonito. Então, se anime aí para conferir as raízes mais profundas dessa paixão que você e eu temos em comum!

NO FURICO DO CUJU...

A primeira notícia que se tem de um jogo com bola vem da China, quando, nas antigas (tipo o século II a.C.), o pessoal entrou numas de prender um pedaço de seda em dois postes, criando o que lembra um pouco a rede de um gol de hoje, mas com um detalhe supimpa: esse pedaço de pano tinha um furo no meio e o objetivo dos jogadores era acertar a bola de couro recheada de pelo de bichos bem ali, no furico do cuju! É isso mesmo: em chinês, o nome do jogo era *cuju* ou *tsu chu*.



A colorful illustration of a woman in traditional Japanese clothing, including a red kimono and a dark headpiece with a white band. She has a long, thick braid and is running joyfully across a green field with small white flowers. In the background, there is a traditional Japanese pagoda with multiple tiers. The scene is framed by stylized green leaves at the top and bottom.

Depois do *cuju* chinês, entre 300 e 600 a.C., os japoneses entraram também na disputa de bola, jogando por lá um troço chamado *kemari*. Mas nele, em vez de marcar gols como no jogo chinês, o objetivo é nunca deixar a bola cair no chão. Não existe time A nem B, porque todos os jogadores precisam trabalhar em conjunto para manter a bola no ar, ou seja, não há perdedores nem ganhadores – é só pura diversão! E vale fazer de tudo para manter a bola quicando sem tocar o chão: golpe com cabeça, pé, joelho, costas, ombro, cotovelo...

O mais impressionante é que ainda hoje as pessoas jogam *ke-mari* no Japão com o uniforme das antigas, tipo uma roupa de samurai, com quimono e chapéu!

A PELADA DOS PELADOS

Por volta do século VIII a. C., os gregos se reuniam peladões para bater uma bolinha num jogo que eles chamavam de *episkyros*. As partidas aconteciam em campos retangulares com 12 ou 14 pessoas de cada lado e eram usadas como treinamento para manter os jovens soldados em forma e exercitar o espírito de equipe, ou como diversão para homens, crianças e mulheres.

Só que as regras desse esporte permitiam colocar a mão na bola, ou seja, estava mais para o futebol americano que para o esporte do rei Pelé.

Quando os romanos invadiram a Grécia, gostaram daquele jogo dos peladões, mas resolveram dar uma mexida nuns detalhes aqui e ali. Mudaram o nome para *harpastum* e inventaram umas regras bem estranhas: o objetivo era usar mãos e pés para manter a bola no seu próprio campo pelo maior tempo possível – ou seja, virou um jogo em que a defesa valia muito mais que o ataque e sequer havia a ideia de gol.



Geografia do futebol

Os arqueólogos passam boa parte do tempo escarafunchando a terra à procura de objetos e construções que nos ensinam como viviam os nossos antepassados. Pois eles encontraram em El Manatí, no México, 12 bolas de borracha junto a outros materiais relacionados a rituais sagrados de povos antigos da região.

Em Chiapas, também no México, as escavações revelaram o estádio mais antigo do mundo! Aliás, mais de 1.500 quadras já foram localizadas desde os Estados Unidos até o norte de Honduras, na América Central. E ainda há muito potencial para mais cavoucadas e descobertas.

